

Mario Rigatto *

Do povo do Rio Grande muito se tem dito: forte no físico, audaz na guerra, romântico no amor, apaixonado no debate, místico na inspiração, violento na disputa, envolvente na palavra, escravo do passado, dominador do presente.

A história da Faculdade de Medicina de Porto Alegre é um pano de amostra de tudo isso.

A Faculdade foi fundada na noite de 25 de Julho de 1898. Surgiu da fusão da Escola de Farmácia, criada três anos antes, e do Curso de Partos, então com um ano de existência. Naquela noite, em memorável sessão, os responsáveis pelas duas instituições fundiram-nas na Faculdade Livre de Medicina e de Farmácia de Porto Alegre que, em 15 de março de 1899, iniciava seu funcionamento regular com 18 alunos no Curso de Medicina, 41 no de Farmácia, 3 no de Odontologia e 5 no de Obstetrícia.

A iniciativa era prenhe de pioneirismo. Só havia, na época, duas outras Faculdades de Medicina «oficiais» no país: a da Bahia, fundada em 1808, e a do Rio de Janeiro, em 1832. A do Rio Grande era a primeira que se criava fora da capital federal. A que lhe havia de suceder, a de Minas Gerais, só seria fundada em 1911. Era também a primeira faculdade nacional a instituir as cadeiras de Química Biológica e de Bacteriologia.

A distância do Rio de Janeiro e o risco de lá estudar, sob o espectro da febre amarela, foram bons estímulos para a

fundação da faculdade local. Mais poderoso talvez, foi o protesto contra as normas vigentes no Estado as quais, ignorando o decreto federal 1270, de 1891, de autoria de Benjamin Constant, que dava às Faculdades controle das decisões sobre ensino e exercício das profissões liberais, continuavam a permitir ampla liberdade de estabelecimento profissional, multiplicando, na área da saúde, exemplos de licenciabilidade e de agressão à segurança pública.

As duas primeiras décadas da Faculdade foram de luta. Luta de todos os matizes. Internas e externas. Estadual e federal. Verbal e física.

A primeira batalha foi a do reconhecimento federal e da equiparação do valor dos diplomas por ela expedidos aos outorgados pelas Faculdades do Rio e da Bahia. O cenário político do Rio Grande dividia-se entre federalistas e castilhistas. E com ele dividiam-se os estudantes. Os sucessos e insucessos da bancada riograndense, na Câmara e no Senado Federal, na campanha pelo reconhecimento, eram motivo de dissensões entre eles, cada cor política atribuindo aos seus representantes as vitórias, aos seus opositores os fracassos. Foi necessário proibir manifestações políticas dentro da escola. Mas a exaltação de ânimos levou um ex-aluno de Farmácia a esbofetear, em plena rua da Praia, um dos fundadores da Faculdade, e seu vice-diretor em exercí-

* Professor adjunto, FMPA/UFRGS

cio, Alfredo Leal, o qual, em revide, matou o agressor a bala.

O reconhecimento foi, finalmente, oferecido pelo Ministério do Interior com a condição de que o currículo fosse adaptado ao das outras duas faculdades «oficiais». Como o nosso era um currículo muito mais evoluído, a Congregação, em sessão de 22 de abril de 1900, rejeita unanimemente a exigência. Uma demonstração eloqüente de que altivez não depende de se estar ganhando ou perdendo, ofertando ou pedindo. Depende de se a ter ou não ter. E a luta recomeça procurando-se o reconhecimento através do Legislativo. Mas o progresso era lento e a escola periclitava. E concessões tiveram que ser feitas para que a equiparação fosse oficializada, como o foi, a 1º de Setembro de 1900. Para se obter um ideal maior foi preciso renunciar a um outro, não menos querido, mas menor em sua importância comunitária. Mais tarde, no entanto, as reformas do ensino de 1911 (Lei Rivadávia) e de 1916 (Lei Maximiliano) corrigiriam a injustiça e assegurariam a recuperação da flexibilidade curricular.

O maior risco de perecimento que a Faculdade enfrentou, nos seus albores, deveu-se a lutas políticas dentro do próprio Estado, decorrentes de um erro acadêmico. Uma reprovação injusta de uma manifestação maciça do corpo discente de doutoramento, em 1906, levou a cente, a suspensão do mesmo por um ano, pela Congregação, a recurso dos estudantes junto ao Ministério do Interior e Justiça, a divisão da opinião pública, a encampamento da pena pelos poderes estaduais, a seu indulto pelo federal, a renúncia de professores. Em 1907, a Faculdade não tinha condições de treinar seus doutorandos e a graduação dos mesmos só foi possível por sua transferência, em bloco, para a Faculdade do Rio de Janeiro. Onde, como internos, deram notável demonstração da qualidade do treinamento que até então haviam recebido. Os acontecimentos, como um todo, agastaram alguns poderosos políticos do Estado e durante os anos seguintes houve clara intenção do poder estadual de fechar a escola em favor da abertura de uma outra, formada por professores por ele escolhidos. Órgão da imprensa oficial

publicou, a 8 e 14 de Agosto de 1907, os Estatutos da Faculdade de Medicina de Porto Alegre Sociedade Anônima, a ser constituída por ações de cinquenta mil réis. Esta nota, subscrita pelo Secretário da Fazenda, confirmava nota oficial de Março, do Governo do Estado, anunciando a organização de uma nova Faculdade. A nova Faculdade nunca saiu do papel. As lutas, os protestos, o sangue, a altivez, o espírito de renúncia, a teimosa abnegação de nossos fundadores já haviam por demais incorporado nossa Faculdade ao Rio Grande para que ele subscritasse os síndicos que a sepultariam.

Os profícuos anos de administração de Eduardo Sarmiento Leite da Fonseca, já vice-diretor na crise de 1906 e depois diretor até sua morte, em 1935, consolidaram as bases e erigiram a estrutura maior que alcançou a nossa Faculdade de Medicina.

Das poucas salas de aula em que começara, na antiga Escola Normal, a Faculdade de Medicina mudara-se, em 1901, para prédio da rua da Alegria (Gal. Victorino). Em 1909, inaugura e ocupa o Instituto Anatômico, à Avenida Osvaldo Aranha, em terreno cedido pela Santa Casa de Misericórdia. Em 1917, o Dr. Carlos Barbosa, então Presidente do Estado, doa o terreno na esquina da Avenida João Pessoa com a, hoje, rua Sarmiento Leite. No mesmo ano, é feito o lançamento da pedra fundamental. Iniciadas com recursos próprios, as obras chegam ao seu final, com apoio oficial, em 1924.

Como área hospitalar, a Faculdade utilizou, em todos os seus 75 anos de existência, as dependências da Santa Casa de Misericórdia a qual, já na data da fundação da Faculdade, contava com 300 leitos. Em 1937 foi solicitada e em 1940 obtida a doação do terreno para a construção de seu Hospital de Clínicas. Em 1943 era feito o lançamento de sua pedra fundamental. Em 1947, iniciavam-se as obras. Em 1973, preparamo-nos para ocupá-lo.

Particular, em seus primórdios, a Faculdade contou, depois de poucos anos, com a oposição e, logo após, com o decidido apoio do Governo do Estado. Em 1931, constituiu-se em Instituto Federal, sem ônus para a União. Em 1932, o Governo Federal assumiu a responsabilidade

de de sua manutenção. Em 1936, passou a integrar a Universidade de Porto Alegre, em 1950 transformada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Durante 56 anos a Faculdade de Medicina de Porto Alegre foi a única do Estado. Nos últimos 19 anos, outras oito foram criadas. Destas, a maior parte do corpo docente foi por ela treinado.

Um dos destaques da Faculdade de Medicina de Porto Alegre tem sido seu amor à excelência de seus professores e sua coragem de testá-la. Já nos seus primeiros anos, ainda particular, a Faculdade instituiu o concurso como caminho único de acesso à cátedra. A primeira disputa ocorreu em 5 de Julho de 1906, quando o Dr. João Batista Marques Pereira concorreu e conquistou a secção de Histologia, Microbiologia e Anatomia Patológica. Há mais de meio século a Livre Docência constitui o mais elevado título universitário que se disputa no país. Nenhuma outra instituição universitária do Brasil possui a metade dos Livres Docentes de nossa Faculdade.

Na perspectiva histórica de nossa escola, é difícil decidir-se entre o corpo docente ou o corpo discente como alvo de nossa maior simpatia ou gratidão. Eles parecem personificar bem a idéia de Universidade, local de encontro de amantes do saber, de diferentes hierarquias, que nela se reúnem para, juntos, melhor aprender e mais sabiamente aplicar os frutos do aprendizado. Juntos realizaram as quermesses que angariaram os primeiros recursos para a temerária aventura de 1898 e para o início da construção da sede própria da Faculdade, em 1911. Juntos desenvolveram as mais frutíferas campanhas para o completamento de seu Hospital de Clínicas. As lutas que tiveram entre si mais os uniram que os separaram. Foi assim que a cisão de 1906 gerou a união inquebrantável que resistiu, vitoriosa, às tentativas governamentais de dissolução do conjunto. O primeiro corpo docente tirou de seus alunos os seus sucessores. E o processo se perpetuou. Dos 5000 médicos que a Faculdade formou, saíram notáveis clínicos, eminentes professores, reputados cientistas, prestigiados líderes de classe e elementos de grande destaque na vida pública nacional. Com eles foi construído o sólido con-

ceito de que goza a medicina gaúcha no cenário nacional.

Se boa a escultura, bons os escultores. A Faculdade de Medicina teve a orientar seus passos uma rica seqüência de líderes. Protásio Alves foi seu primeiro diretor. Sucederam-no, entre outros, Serapião Mariante, em 1907, Eduardo Sarmiento Leite da Fonseca, em 1915, Luiz Francisco Guerra Blessmann, em 1935, José Carlos Fonseca Milano, em 1956, Francisco de Castilhos Marques Pereira, em 1964, e Alvaro Barcellos Ferreira, em 1973.

A Faculdade de Medicina celebra seu 75º aniversário numa atmosfera social e universitária digna do seu passado. Uma atmosfera de algumas certezas, muitas esperanças e muitos temores. A Reforma Universitária de 1968/1969 trouxe liberdades curriculares e instrumentais dignas de exploração. Mas, contrariando a experiência e a tendência internacional, cindiu a Faculdade em duas metades, em princípio inseparáveis: disciplinas básicas (incorporadas no Instituto de Biociências) e disciplinas clínicas (que mantêm o nome de Faculdade de Medicina). O prédio de Sarmiento Leite foi destinado ao Instituto de Biociências. O Hospital de Clínicas, concluído após 30 anos de lutas, passou ao comando direto da Reitoria. Esta seqüência deixou a Faculdade de Medicina sem teto próprio. Por outro lado, uma centralização excessiva dos comandos obrigou à criação de um sem número de órgãos colegiados para os quais, louvavelmente, têm sido convidados os elementos mais capazes da Universidade. A consequência indesejável é que os melhores professores e os melhores pesquisadores da escola não mais se encontram nas salas de aula, no hospital ou nos laboratórios, mas em salas de reunião. Por outro lado, as decisões maiores da Faculdade são, cada vez mais, tomadas por órgãos colegiados estranhos aos seus quadros os quais, por maior boa vontade que tenham, não possuem treinamento e experiência em ensino médico que lhes permitam agir com pleno conhecimento de causa. Ninguém nega à Reforma o desejo de acertar que a motivou. Mas só um Pangloss poderia ignorar as graves falhas de sua estruturação administrativa. Insistir no erro é um

convite ao desastre. Corrigí-lo, uma promissora perspectiva de que realmente se alcancem os objetivos nos quais a Reforma se inspirou.

Chegamos assim aos três quartos de século com uma certeza que nos diz que somos capazes de construir, sobrepujando dificuldades de toda ordem. Com temores de que algumas decisões, ainda que inspiradas no progresso, danifiquem posições penosamente conquistadas. Mas, mais do que tudo, com esperança de que sejamos capazes de trabalhar com o afincado e o idealismo de nossos antecessores em favor do objetivo maior de nossa casa: dar ao Rio Grande médicos à altura de seu povo e de suas tradições.

Referências

Blessmann, L. F. Guerra — Histórico da Faculdade de Medicina. Anais do Cinquentenário da Faculdade de Medicina de Porto Alegre 1:7-15, 1955.

Faculdade de Medicina. Dados históricos. Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina de Porto Alegre — Pág. 3-7, 1923.

Histórico da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. O Bisturi (Suplemento). Ano XVI nº 2. Outubro e Novembro, 1960.